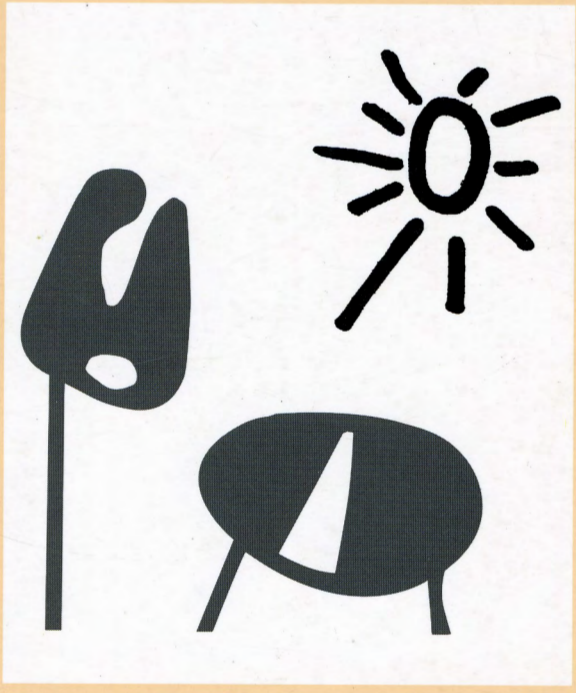
JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I



BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFL 011 000075
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução de SEBASTIANA FADDA

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

TEATRO COMPLETO

DE

JAIME SALAZAR SAMPAIO

O DESCONCERTO

O DESCONCERTO

PERSONAGENS

HELENA, ainda jovem
ALEXANDRE, mendigo
GROOM
SOLDADO

Ao fundo e aos lados ruínas.

Espalhados pelo chão, os mais diversos destroços: ferros torcidos, restos de embalagens, etc.

Rodeada pelos destroços, como que emergindo deles, Helena, a protagonista, está sentada num amplo cadeirão de verga, com almofadas. Usa um vestido branco. Faz tricot, *tendo perto dela uma revista de modas, que por vezes consulta. No seu trabalho usa lã branca. Junto ao cadeirão há uma mesinha com gavetas.*

Em torno de Helena, emergindo também dos destroços, encontram-se, isolados uns dos outros, alguns móveis e diversos utensílios, sugerindo o recheio de uma casa: um pequeno armário, um tanque de lavar roupa, um fogão a gás com uma panela e um fervedor ao lume, uma tábua de engomar com um ferro eléctrico, um banco, um candeeiro, etc.

O cadeirão de Helena, em evidência no espaço cénico, encontra-se numa zona bem iluminada. Dessa zona para a periferia a luz decresce, de modo que as ruínas mais afastadas se encontram já na penumbra.

Helena é uma mulher ainda jovem, plena de vitalidade.

Quando a acção tem início, Helena, enterrada no seu cadeirão, maneja em silêncio as agulhas de tricot. *Um tempo. Pousa as agulhas no colo. Fecha os olhos. Um tempo.*

HELENA *(como se reproduzisse as palavras de outra pessoa)* — Adeus. Não sei quando nos voltaremos a ver. Farei o possível por não pensar em ti. *(Reabre os olhos. Volta a tricotar em silêncio. Um tempo. Pousando o* tricot, *tom normal.)* E beijou-me. *(Pausa.)* Na boca. *(Longa pausa.)* Esta minha boca. *(Pausa.)* Aqui! *(Passa as costas da mão pela boca, lentamente, voluptuosamente. Sorri. Retoma o* tricot.*)* Verdade seja que já o tinha feito. *(Volta a sorrir.)* Uma porção de vezes. *(Pausa.)* Noutras circunstâncias, é claro. *(Larga o* tricot.*)* Também era melhor. *(Levantando-se, acaricia o ventre. Está grávida, mas só agora o Espectador se pode aperceber disso.)* Chegar onde chegou, sem me ter dado um beijo. *(Com desembaraço, aproxima-se do fogão a gás. Destapa a panela. Prova. Volta a tapar. Retira o fervedor do fogão e enche uma chávena de leite fumegante. Pousa a cafeteira. Apaga o bico de gás. Vai a provar o leite. Desiste. Sopra, a arrefecer o leite. Sem ter bebido traz a chávena até junto do cadeirão, poisando-a na mesinha, ao lado deste. De passagem, com a mão livre, corrige a posição de um banco de cozinha, verifica se a torneira do tanque está bem fechada, liga o ferro eléctrico, etc. Volta a sentar-se. Torna a provar o leite. Parece-lhe ainda muito quente. Retoma o* tricot. *Desdobra o trabalho já feito, que é uma faixa bastante larga, talvez o começo de uma envolta de bebé. Examina o* tricot, *com ar crítico. Conta as malhas que tem na agulha. Consulta a revista de modas. Murmurando.)* Uma laçada. Um mate simples. Três de meia... Uma laçada. Um mate. Uma laçada... *(Sorri. Larga a revista. Tricota com toda a atenção, vagarosamente. Um tempo. Tricota, agora descontraída, com desembaraço. Um tempo. Tom coloquial.)* Partiu numa manhã de Inverno, bastante chuvosa. Ia transformar o Mundo. *(Pausa.)* Pelo menos, foi o que ele disse. *(Deixa de tricotar. Olha em frente. Um tempo.)* Não sei se o conseguiu, se mudou de ideias. *(Pega na chávena. Sopra o leite. Vai a beber. Desiste. Volta a pousar a chávena.)* De qualquer maneira não lhe dou os parabéns. *(Volta a tricotar. Um tempo. Ouvem-se, ao longe, tiros de canhão. Depois, gritos, sirenes, o choro de uma criança, ladrar de cães, o crepitar de uma metralhadora, etc. Projectores varrem as ruínas. Cai um destroço em cena.)* Se este é o Mundo tansformado pelo meu Alexandre... *(Muito ao longe, ergue-se uma coluna de fumo.)* Francamente! *(Tricotando distraidamente.)* E se mudou de ideias... Se, afinal de contas, partiu num dia chuvoso de Inverno pra transformar o Mundo e mudou de ideias... podia perfeitamente ter ficado em casa, acho eu. *(Com ironia, sorridente.)* Que ele é que sabe, é claro... Não é ele o homem? Pode, manda e sabe. *(Examina o* tricot. *A meia voz.)* Pelo menos, em princípio, devia saber. *(Retoma o* tricot. *Subindo de tom.)* Tinhas essa obrigação, Alexandre! *(Longa pausa: numa primeira fase, tricota com desembaraço, para mais tarde ir diminuindo de ritmo, à medida que a expressão do seu rosto se desanuvia, acabando por sorrir.)* Que eu até acho que ele bem podia... Pelo menos escusava de mudar de cidade, de atravessar fronteiras. *(Pausa. Com entusiasmo decrescente.)* Podia fazer: «Pst! Olá!...». *(Pausa.)* Uma vez por semana. *(Pausa.)* Uma vez por mês. *(Pausa.)* Pelo menos